Dia 14 — São Diogo de Alcalá, Confessor, Religioso da Ordem de São Francisco

Martirológio Romano

O triunfo dos santos mártires Clementino, Teódoto e Filomeno, em Heracleia, na Trácia (durante a perseguição de Aureliano).

Santo Serapião, mártir, em Alexandria; a quem, no tempo do imperador Décio, atormentaram cruelmente os perseguidores, deslocando-lhe primeiro todos os membros e desta sorte o precipitaram do alto de sua mesma casa, com o que mereceu ser mártir de Jesus Cristo (no ano 232).

São Venerando, mártir, em Troyes, na França, no tempo do imperador Aureliano. (Depois de um glorioso martírio acabou sua vida degolado na mesma cidade, no ano 272.)

Santa Veneranda, virgem, também na França; a qual, no tempo do imperador Antonino, sendo Asclepíades presidente, alcançou a coroa de mártir.

São Hipácio, bispo, em Gangras, na Paflagônia; o qual, quando voltava do concílio Niceno, foi apedrejado no caminho pelos hereges novacianos e morreu mártir (pelos anos 326 a 327).

Santo Serapião, em Argel, na África, o primeiro dos da Ordem de Nossa Senhora das Mercês, que pela redenção dos fiéis cativos e pregação da fé cristã, sendo crucificado e despedaçado membro a membro, mereceu obter a palma do martírio. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

O martírio de muitíssimas santas mulheres, em Emesa, que pela fé de Cristo padeceram atrocíssimos tormentos pelo muito cruel Mady, caudilho dos árabes (e foram por fim degoladas no ano 773 de Jesus Cristo. Os fiéis recolheram suas relíquias e lhes deram sepultura, e com seu contato se obraram muitos prodígios).

São Jucundo, bispo e confessor, em Bolonha. (Diz Ferrari que foi o décimo bispo de Bolonha, cuja igreja fez florescer em pureza de disciplina e santidade de costumes. Morreu no ano 485.)

São Lourenço ou Lorcan (em irlandês), bispo de Dublin, na Irlanda. (Foi filho menor de um príncipe da Irlanda. Contava doze anos quando abraçou o estado eclesiástico e aos vinte e cinco o nomearam abade do mosteiro de Glendalough. Governou sua numerosa comunidade com prudência e virtude e, numa grande fome que afligiu aquela terra, como outro José foi o salvador de sua pátria com sua caridade ilimitada. Nem por isso faltaram tribulações a sua paciência para exercitar sua virtude; porque alguns maus religiosos que não podiam sofrer o zelo com que condenava a irregularidade de sua conduta assaltaram sua reputação com a calúnia; mas o Santo triunfou com sua bondade e silêncio. À idade de trinta anos foi unanimemente eleito arcebispo de Dublin: em seu longo pontificado teve lugar para desdobrar seu zelo pela reforma da disciplina eclesiástica e dos costumes públicos. Os pobres o buscavam como a seu pai; e na horrorosa fome de três anos que assolou a Irlanda mostrou o venerável Pastor que sua caridade não tinha limites. Os pontífices, os reis e príncipes procuravam seus conselhos, e até os Padres do undécimo concílio geral celebrado em Latrão no ano 1179, ao qual assistiu São Lourenço, lhe tributaram os maiores elogios por sua sabedoria e seu zelo. O Senhor lhe concedeu o dom de milagres, de modo que na bula de sua canonização se referem sete mortos ressuscitados. Sua vida foi sempre acompanhada de bênçãos, e sua morte, acaecida no ano 1181, foi também gloriosa no Senhor. Butler.)

São Diogo de Alcalá, Confessor, Religioso da Ordem de São Francisco[^1]

Nasceu ao mundo São Diogo no ano 1400, em San Nicolás del Puerto, aldeia do arcebispado de Sevilha, no reino da Andaluzia. Não tinham seus pobres pais com que fazer-lhe uma grande fortuna; mas inspiraram-lhe o santo temor de Deus, que vale mais que todos os tesouros. Tomou Deus posse de seu terno coração, e o Espírito Santo foi seu guia desde sua infância. Por isso desde ela amou o retiro e a oração. Fez-se desde então reparar e estimar por sua inclinação às coisas espirituais, por sua modéstia, por sua abstinência e pela pureza de seus costumes. O mesmo Espírito Santo o desviou do comércio do mundo para que não perdesse na juventude a inocência que havia conservado na meninice. Foi Diogo entregar-se à direção de um virtuoso sacerdote que estava retirado numa ermida não longe de San Nicolás, dedicado inteiramente a exercícios de penitência e de mortificação. Naquela solidão fez nosso Diogo uma vida santa, desprendida de todo afeto terrestre, meditando as verdades da salvação, orando incessantemente. Mantinha-se de esmolas; e, para evitar a ociosidade, o tempo que lhe deixava livre a oração e os demais exercícios espirituais empregava-o em algum trabalho de mãos; mas sem que o mesmo trabalho interrompesse a oração. Fizesse o que fizesse, sempre tinha a Deus na boca e no coração. Não vendia o que trabalhava, porque havia renunciado o dinheiro; mas presenteava com isso aos que lhe davam esmola em mostras de seu agradecimento, negando-se generosamente a receber o que lhe ofereciam em consideração disto mesmo e não era absolutamente preciso para socorrer sua necessidade. Não poucas vezes repartia com outros pobres a esmola que lhe davam. Chegou a

tanto seu desinteresse que, tendo encontrado uma bolsa num caminho, nem sequer se dignou levantá-la. Era tanta sua humildade que recebia com gozo tudo o que o podia fazer desprezível aos olhos dos homens. Procurava manter em respeito o corpo, a alma e os sentidos com o freio de uma contínua mortificação. Por sua atenção, por sua vigilância, por aquela zelosa circunspecção com que estava sempre muito dentro de si mesmo, logrou evitar as surpresas do inimigo da salvação. O mesmo espírito de vigilância com que espiava continuamente todos os seus passos e movimentos lhe abriu os olhos para conhecer os laços que armava o mundo à inocência, e quis livrar-se deles. Pediu ser recebido na religião de São Francisco e o conseguiu, pretendendo para leigo, por ser homem sem letras e porque aquele estado favorecia mais sua humildade. Tomou o hábito no convento chamado La Arrizafa, distante meia légua de Córdoba. Desde logo fez ânimo de observar à letra a regra de seu Instituto e o cumpriu de maneira que sua vida se podia reputar por animada cópia da mesma regra. O espírito de humildade, de pobreza, de mortificação e de caridade cristã, que era o espírito primitivo de seu santo Patriarca, resplandecia naquele vivo modelo de caridade, de mortificação, de pobreza e de humildade. Entregou-se de tal maneira à obediência que para ele todos eram superiores seus. Venerava nas ordens de seus prelados as do mesmo Jesus Cristo: obedecia àqueles como obedeceria a este, reconhecendo que da autoridade deste dimanava a daqueles. Era a vontade de Deus sua única regra, e nada queria fora da ordem da suprema vontade. Para ele eram indiferentes todos os empregos: qualquer ocupação que trouxesse o selo da vontade de Deus era para Diogo muito estimável; mas sem este selo, por grande, por acomodada que fosse, nem o movia nem a apreciava. Suas penitências eram assombrosas e sua vida como um contínuo jejum. Tratava sua carne com o maior rigor e não estava contente enquanto não a via toda coberta de sangue. Parecendo-lhe um dia de inverno que se havia excitado nela algum ardor de concupiscência, lançou-se intrépido a um tanque de água gelada, mantendo-se nele até que faltou pouco para que se extinguisse o calor natural juntamente com o daquele outro ardor forasteiro. A pobreza universal, que tanto encomendava e praticava o patriarca São Francisco, amou-a sempre de tal maneira que se podia dizer que não tinha outra coisa que o roto hábito que trazia às costas, o rosário e um livro de meditações e orações. Ainda isto pouco não era seu, e costumava dizer que não tinha coisa própria senão o pecado, que procurava destruir continuamente. Mas, em meio desta extremada pobreza pessoal, parecia rico e poderoso a respeito dos próximos, porque sua caridade sempre industriosa lhe sugeria meios para socorrer as mais apuradas necessidades.

A grande virtude que resplandecia neste religioso fez entender a seus prelados que queria Deus servir-se dele em mais altas empresas. Enviaram-no às ilhas Canárias ou Afortunadas, com o sacerdote Fr. João de Santorcaz. Na de Fuerteventura fundou um convento de que foi Guardião. Encontrou naquele país muitos idólatras; e, considerando-se obrigado a ganhá-los para Jesus Cristo, padeceu os trabalhos de um Apóstolo e recolheu também os frutos. Ficaram na ilha poucos infiéis que não abrissem os olhos à luz da fé; e, animado deste feliz sucesso, formou um novo plano de conquistas apostólicas e passou à Grã-Canária, onde até então não se havia ouvido falar de Jesus Cristo, disposto a derramar o sangue por anunciar seu Evangelho, pois ardia em desejo do martírio; mas tinha Deus outros intentos e não permitiu que abordasse a ela, porque os pilotos não se atreveram a saltar nela, temendo a ferocidade daqueles habitantes, e uma borrasca acabou de desvanecer o projeto. Reduziu-se, pois, a cultivar a ilha de Fuerteventura e, logo que acabou de conquistá-la, foi chamado à Espanha, pelos anos de 1449, e retirou-se ao convento de Nossa Senhora de Loreto, distante de Sevilha três léguas.

Estando certo dia o Santo em Sevilha, manifestou o dom de milagres com que ordinariamente favorece Deus os que honra com o caráter de apóstolos. Aconteceu que um menino, por fugir ao castigo de sua mãe, escondeu-se dentro de um forno e ficou dormindo. A mãe, sem saber nem sequer imaginar que seu filho pudesse estar no forno, encheu-o de lenha e o acendeu. Despertou o menino com o calor da chama: chorou, gritou; mas já não era tempo de poder socorrê-lo: o fogo era violento, havia-se apoderado de todo o forno e já não era possível salvar o menino. A aflita mãe, desesperada com a dor, saiu pelas ruas dando alaridos como uma louca e acusando-se de que havia sido homicida de seu filho; dispôs a divina Providência que São Diogo se achasse então perto de sua casa: consolou-a como pôde e, enviando-a a que fizesse oração diante do altar de Nossa Senhora, foi-se direito ao forno com seu companheiro e seguido de inumerável gentio. Coisa assombrosa! Já quase se havia consumido toda a lenha e, contudo, o menino saiu do forno são e livre, sem que as chamas lhe tivessem feito a mais mínima lesão. Era patente o milagre, de que foram testemunhas inumeráveis pessoas, e o menino foi levado à capela da santíssima Virgem, onde sua mãe estava fazendo oração por ele. Vestiram-no de branco os cônegos em reverência da mesma Senhora e desde então se fez muito célebre aquela santa capela, concorrendo a ela grande multidão de fiéis a implorar a proteção da Mãe dos aflitos. Outros muitos milagres fez São Diogo, por ser nele muito abundante a graça das curas.

No ano seguinte celebrou-se em Roma capítulo geral de sua Ordem, ao qual acudiram três mil e oitocentos religiosos. Foi a ele o bendito Fr. Diogo acompanhando a Fr. Afonso de Castro; ambos iam a pé e descalços e assistiram à canonização de São Bernardino de Sena, que se fez por aquele tempo. O concurso de gentes que houve naquele ano em Roma por motivo do jubileu ocasionou uma espécie de contágio que alcançou os Padres do capítulo. Foi este um novo campo que abriu Deus a São Diogo para que exercitasse a caridade. Por sua conta tomou a assistência dos enfermos, servia-os com amor, cada qual cria ter em Diogo um médico e um enfermeiro para só ele. Esmerava-se em procurar que nada lhes faltasse; sendo tal aquele ano em Roma que até os mais ricos padeceram fome, os enfermos de São Francisco estiveram sobrados de tudo. Pondera isto Sisto V na bula de sua canonização.

Voltado à Espanha, foi enviado ao exemplaríssimo convento de Santa Maria de Jesus de Alcalá de Henares, nova fundação do arcebispo de Toledo D. Afonso Carrillo de Acuña. Nenhuma novidade lhe causou esta mudança: em todas as partes sabia ele achar a Deus; não buscava o aproveitamento nos lugares, mas na obediência. Treze anos esteve neste convento, à exceção de um breve tempo que passou no de Nossa Senhora de la Salceda.

Nos últimos anos de sua vida estendeu as velas de seu desejo a todas as virtudes: dias e noites inteiras passava em oração, vivia transportado e como endeusado, os pés no chão, o coração no céu e no que faz bem-aventurados seus moradores. Derretia-se em lágrimas meditando a paixão de Cristo, a qual era o objeto mais ordinário de sua oração: nela meditava continuamente tendo um Crucifixo na mão, sendo algumas vezes tão veemente a força de seu amor que ficava extático e elevado no ar. Nada o movia tanto como a vista daquela sagrada vítima sacrificada no monte Calvário às mãos de seu mesmo amor. Mas, quando passava do sacrifício cruento do Calvário ao sacrifício incruento do altar, duplicava-se o incêndio em seu amante coração, enternecido com a consideração de tão estupendo benefício do Esposo celestial. Um Deus feito alimento do homem era o objeto de seu pasmo e o sustento de seu amor, cujas chamas ardiam mais acesas quanto

mais se apascentava do Deus do amor; e ao passo que mais se nutria com a divina substância do eucarístico pão, cobrava seu espírito mais vigor e se abrasava em maiores incêndios seu amoroso coração. À devoção que tinha com o Filho correspondia a que professava à Mãe; pois não é possível uma devoção sem a outra. É Jesus Cristo a fonte das graças e Maria é o canal. Cumulou-nos Cristo de benefícios, comunicando a nossa humanidade os tesouros de sua mesma divindade; mas Maria é a mãe desse Homem-Deus que nos enriqueceu. Professava, pois, nosso Diogo um terno amor a Maria, venerando-a como a seu asilo, a sua padroeira, sua advogada, seu consolo e sua esperança. Jejuava em honra sua todos os sábados a pão e água; celebrava suas festas com espiritual alegria; rezava todos os dias o rosário com tanta devoção e com tanto respeito que se conhecia muito bem que estava penetrado da grandeza de Maria e que estava falando com a Mãe de seu Deus.

Era tão grande o conceito que se tinha de sua santidade que só era conhecido pelo nome de o Santo. No fim de sua vida, Jesus Cristo, varão de dores, quis refinar sua virtude com o fogo dos trabalhos. Enviou-lhe um abscesso num braço, sumamente doloroso, que lhe durou até a morte. Estando uma noite muito mal, perdeu de tal maneira o uso dos sentidos que todos o reputaram por morto; mas, voltando a si daquele êxtase, exclamou três ou quatro vezes: «Oh, que formosas flores há no paraíso!» Sentindo que lhe iam acabando as forças, fortaleceu-se com os Sacramentos da Igreja e, passando a ser total o desfalecimento, rendeu-se à natureza e morreu na noite do sábado 12 de novembro do ano 1463, reinando na Espanha Henrique IV e sendo papa Pio II. Suas últimas palavras foram aquelas que canta a Igreja em honra da cruz: *Dulce lignum, dulces clavos*, etc. Doce madeiro, doces cravos, cruz adorável, que só tu foste digna de levar o Rei e Senhor dos céus. Estando agonizando pediu uma corda e, pondo-a ao pescoço, com uma cruz de madeira em suas mãos, cheios seus olhos de lágrimas, pediu perdão a todos os religiosos que se haviam juntado em oração ao redor de sua cama.

Deram-lhe sepultura na capela de seu convento, que está, ou estava, junto à sacristia. Em seu sepulcro obrou Nosso Senhor grandes milagres, dos quais se fez processo para tratar de sua canonização. Moveu esta causa Filipe II, solicitando sua canonização nos tempos de Paulo IV, dos Pios IV e V, de Gregório XIII e de Sisto V. Muito contribuiu a este desejo do Rei o ter curado milagrosamente seu filho, o príncipe D. Carlos, da ferida mortal que se fez caindo das escadas do palácio arcebispal de Alcalá. Canonizou o servo de Deus Sisto V no ano 1588. Inocêncio XI assinalou seu ofício no Breviário romano e mandou que se trasladasse sua festividade ao 13 de novembro, ainda que em sua Ordem se continua celebrando no 12.

Santa Trahamunda, Virgem

No tempo em que Córdoba estava dominada dos mouros, foi levada cativa àquela cidade uma donzela da Galiza chamada Trahamunda, criada nas cercanias de Pontevedra e, ao que se deixa ver, religiosa do mosteiro de São Martinho, que estava junto a esta vila. Levava com ânimo igual e pacífico os trabalhos da escravidão; desconsolava-a unicamente o viver entre gente inimiga de Cristo. Esta pena lhe tirava as lágrimas aos olhos, sentia a falta do culto com que em sua terra era honrado o verdadeiro Deus. Dobrou-se em seu ânimo esta amargura na vigília de São João,

lembrando-se da muito alegre festa que ao santo Precursor se fazia no mosteiro de Beneditinas de São João de Poio, distante quinhentos passos do seu. E dizia: «Ó Senhor e Deus meu! Quem se achara amanhã em São João de Poio, para gozar das doces festividades de tua casa e louvar em teus Santos teu bendito nome!» Atendeu o Senhor a súplica de sua serva. De improviso foi arrebatada em espírito e amanheceu às portas do mosteiro. Não acabava ela de crer o que lhe sucedia, desfazia-se em lágrimas, a vozes publicou diante daquele grande concurso a misericórdia de Deus. Diz-se também que plantou junto ao mosteiro um pau seco de palma que trazia nas mãos e pegou e cresceu dele uma formosa palma que foi conservada até os anos 1578. Isto se apoia unicamente na tradição.

Logo voltou Trahamunda a sua casa de São Martinho, onde viveu santamente e morreu no ósculo do Senhor. Ali permaneceu seu cadáver ainda depois de destruído o mosteiro de São Martinho, até que o Rmo. P. Afonso del Corral, mestre geral da Ordem de São Bento, dispôs que o trasladassem à sacristia de São João de Poio, onde é hoje venerado. (Flórez, tomo 19, pág. 51.)

São Rufo, Confessor, Primeiro Bispo de Tortosa

O bem-aventurado São Rufo era filho de um cavaleiro nobre e rico, natural da famosa cidade de Cirene, na África, o qual veio depois a tanta pobreza que, envergonhado, fugiu da dita cidade com seus dois filhos Alexandre e Rufo e se acolheu a Jerusalém, onde parece que servia a algum dos principais senhores que viviam nesta cidade. Do Evangelho só consta que, vindo Simão, pai de Alexandre e de Rufo, de uma granja a Jerusalém no dia da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, os judeus o obrigaram a que ajudasse a Jesus, levando algum tempo a cruz ou parte dela; porque ia tão maltratado o Senhor que temeram sua morte antes de chegar ao lugar destinado.[^2] Entre os Padres da Igreja há alguns que afirmam ter sido Simão gentio e que em sua pessoa, quando levou a cruz de Cristo, se representou a vocação dos gentios à participação do Evangelho e da cruz do Senhor. Por ocasião disto, como ouvisse Rufo, filho de Simão, pregar as grandezas de Nosso Senhor Jesus Cristo e que depois de morto fazia grandes milagres, converteu-se à nossa santa fé e acompanhou-se com o grande pregador e doutor das gentes, o apóstolo São Paulo, o qual no cap. 16, v. 13, da Epístola aos romanos, escrevendo aos Cristãos que estavam em Roma, diz assim: *Saudai Rufo, escolhido no Senhor, e sua mãe e minha.*[^3] No capítulo precedente ofereceu o Apóstolo aos romanos visitá-los quando empreendesse sua viagem à Espanha, aonde desejava ser conduzido por eles.[^4] E, sendo São Rufo tão célebre entre os primeiros Cristãos, segundo o manifesta o elogio com que o honra São Paulo, chamando-o escolhido no Senhor, não é de estranhar que o mesmo Apóstolo o trouxesse em sua companhia e o deixasse na cidade de Tortosa, do principado da Catalunha, depois de consagrá-lo bispo dela.

Conforme aos cômputos mais exatos, a vinda de São Rufo com o Apóstolo e sua eleição para a igreja de Tortosa não se pode atrasar ao ano de 61, que é o que assinalam os que dilatam mais a viagem do Apóstolo à Espanha. Faltando as atas dos primeiros ministros do Evangelho eleitos pelos

Apóstolos, não é possível referir os frutos que produziria sua pregação em Tortosa e nos povos vizinhos. Mas, tendo sido de santidade tão eminente e ministro eleito no Senhor pelo apóstolo São Paulo, não pode duvidar-se de que a seu zelo e ministério apostólico se devem em grande parte os progressos que teve a religião cristã na província Tarraconense. O P. Domènech, em sua já citada *Historia de los Santos de Cataluña*, diz que os historiadores do reino de Valência têm por tradição que a fama dos sermões de São Rufo chegou até Valência; por cujo motivo algumas pessoas principais daquela cidade lhe suplicaram que se servisse de enviar-lhes pregadores que lhes ensinassem a fé de Jesus Cristo. Fê-lo o Santo, enviando-lhes quatro clérigos discípulos seus, que lhes ensinaram a lei evangélica.

Tendo, pois, o glorioso Santo com sua pregação e vida santíssima governado maravilhosamente seu bispado de Tortosa o tempo que nela esteve e enriquecido de grandes tesouros de virtudes, foi servido o Senhor levá-lo a gozar de sua glória para sempre no céu, onde o têm os de Tortosa por seu perpétuo advogado e intercessor. Os martirológios não assinalam o lugar do falecimento de São Rufo e, pelo que toca ao dia, põem-no no 21 de novembro. Mas o dia de sua festa tem sido em todo tempo o 14 de novembro, em que se celebrou antes do concílio Tridentino com solenidade e com oitava, lendo-se no rezo lições próprias, nas quais se refere não só seu bispado em Tortosa mas também a conservação de suas relíquias. Isto segundo tem também o testemunho que menciona Martorell na pág. 348. Depois de cessar o uso dos breviários particulares das igrejas, a de Tortosa e toda sua diocese rezou de São Rufo com rito duplo e oitava; mas tomando o ofício do comum de Confessor pontífice, por decreto de Urbano VIII dado em 10 de fevereiro de 1629. No ano de 1671 aprovou a S. C. de R. o hino próprio do Santo, que apresentou o cabido da mesma igreja, concedendo que se pudesse rezar em ambas as vésperas e matinas. Neste hino, depois de invocar o Espírito Santo, põem-se três estrofes que contêm a tradição desta igreja acerca de seu santo bispo e padroeiro. (Risco, *España sagrada*, tomo 42, e Domènech, *Historia de Santos de Cataluña*.)

São Serapião, da Ordem de Nossa Senhora das Mercês, Mártir

Nasceu o glorioso mártir São Serapião, segundo a mais corrente opinião, na famosa cidade de Londres, corte do rei da Inglaterra, no ano de 1178. Foi seu pai Rothlando, chamado da Escócia, por ser sua casa originária da nobre e clara estirpe e família dos Escotos do dito reino, e parente muito próximo de seu rei Guilherme. Sua mãe, ainda que se ignora o nome como o de seu sobrenome, mas segundo se colige do que as mesmas histórias referem, foi de sangue nobilíssimo, igual e correspondente em tudo ao esclarecido de seu esposo. Impuseram-lhe no Batismo por nome Serapião, prognóstico e claro indício de que seria pio: o que comprovou a experiência nas heroicas ações que praticou sua grande piedade em todo o curso de sua vida e que desde sua meninice e infância cuidaram seus nobres pais com os atos de devoção, educação e exemplo imprimir e radicar entre as demais virtudes e louváveis costumes no coração de seu amado e querido filho.

Achando-se ainda Serapião nos primeiros ardores de sua juvenil idade, já manifestou os puros quilates de seu católico zelo; pois, chegando a seus ouvidos os lastimosos estragos e raras crueldades que executavam os bárbaros infiéis na Palestina, tanto nos templos de Deus, seus ministros, altares, imagens, relíquias e demais coisas sagradas como nas vidas, honras e bens dos míseros cativos, disse a seu pai: «Senhor e pai meu, não seria de grande glória de Deus que fôssemos morrer para restaurar os Santos Lugares de Jerusalém?» E, ainda que procurou dissuadi-lo propondo-lhe o terno de sua idade, suas poucas forças para sofrer as incomodidades da guerra e a dor e pena grande que ocasionaria a sua mãe o privar-se dele em sua ausência; ouvida sua discreta e cristã réplica, e para suavizar de algum modo seu desconsolo, teve de condescender a sua instância, oferecendo-lhe partir juntos sempre e quando chegasse a ocasião.

Logrou esta felizmente o Santo, no ano de 1190, passando à Palestina com seu pai, general do exército da Inglaterra, e seu rei Ricardo. Ali assistiu ao sítio e rendição de Tolemaida e de outras muitas praças, vencendo e triunfando valorosamente de seus inimigos; e na célebre batalha de Assur deu singulares mostras não só de seu heroico valor, destruindo e pondo em precipitada fuga um sem-número de sarracenos e turcos do formidável exército de Saladino, mas também de sua grande piedade, consolando e socorrendo a tanto mísero cativo que chorava ali entre aqueles bárbaros sua dura escravidão. E, tendo nestas e em outras gloriosas empresas e piedosos exercícios empregado alguns anos e mortos seus pais, desejoso de sacrificar sua vida em obséquio da fé, veio com o duque da Áustria à Espanha, servindo ao rei D. Afonso VIII de Castela na guerra contra os sarracenos, os quais foram vencidos e valorosamente tirados de muitas praças e fortes de Castela e Andaluzia, nomeando-o o rei Afonso, por suas relevantes virtudes e méritos, conselheiro seu; com cujos conselhos e ditames se prosseguiu a guerra até ficar de todo humilhado o poder maometano. A impulsos dos mesmos desejos de morrer por Cristo, voltou outra vez à Palestina, onde batalhou com indizível intrepidez e esforço contra o exército de Conradino, filho do grande sultão do Egito e Babilônia, capital inimigo da santa fé católica.

Noticioso depois Serapião da nova guerra que os reis D. Fernando de Castela e D. Jaime I de Aragão intentaram contra os mouros, voltou outra vez à Espanha; e aqui, considerando o Santo sua partida da Inglaterra, atravessando mares, pisando tormentas, sofrendo desprezos, padecendo trabalhos e peregrinando tantas províncias da Síria, Palestina, Egito, Alemanha, Itália, França e Espanha, e entendendo que o preservar-lhe Deus em tantos riscos e perigos sua vida, que tão ansiosamente havia desejado sacrificá-la em obséquio da fé, e o deixá-lo assim mesmo livre dos cuidados paternos e dos bens e honras do mundo era uma prova de ser sua divina vontade que se retirasse do século e entrasse em alguma religião; com especial iluminação do céu resolveu abraçar o instituto sagrado e caritativo de remir cativos na real Ordem da Virgem santíssima das Mercês: a cujo fim, informado da grande santidade do glorioso São Pedro Nolasco, fundador daquela, foi a ele, pedindo-lhe com profunda humildade o hábito, que vestiu na cidade de Barcelona com demonstrações de singular alegria e ternura grande de seu coração, das mãos do mesmo santo Patriarca. Passou seu noviciado sob a direção do V. P. Fr. Bernardo de Corbera, grande modelo de perfeição; e, concluído por Serapião o ano de sua provação, em que foi um assinalado exemplo de toda virtude e edificação, fez a profissão solene dos três votos de castidade, obediência e pobreza, e o quarto de ficar em reféns pelos perigosos cativos, com inexplicável devoção e muito especial consolo de seu espírito.

O odor suave e fragrante das heroicas virtudes em que tanto resplandecia o Santo fez que a obediência logo o destinasse e ocupasse em diferentes ministérios; e, ainda que os desempenhou todos, satisfazendo inteiramente à confiança que de sua experiência e méritos se prometiam seus Prelados; mas onde parece que mais principalmente se espraiaram os fervorosos afetos de seu amor e caridade foi no de recolher as esmolas para o resgate dos Cristãos cativos; pois de maneira soube sua grande paciência, aplicação e afabilidade expor com tal ternura aos fiéis as misérias daqueles pobres que, inclinando-os a piedade e compaixão, os socorriam com larga mão; e, aumentando-se em breve por este meio os cabedais da redenção, era ocasião de que elas fossem mais frequentes e copiosas. Era muito grande seu santo exemplo, a cuja direção e cuidado esteve a rega das novas e ternas plantas da Religião, e com sua prudência, vigilância, humildade e mansidão cresceram e frutificaram tanto que deram tão copiosos e abundantes frutos de observância, oração e santidade que foram esplendor formoso da Igreja e ornamento precioso do paraíso.

Infestavam de tal forma os mares e costas da Catalunha os mouros de Maiorca que seus habitantes não podiam sem risco e perigo evidente de ser presos e cativos navegar aqueles mares nem gozar de alguma paz em suas casas e povos; e, como para remédio destes danos e dos contínuos estragos que executavam os mouros contra os que rendiam, inclinasse Deus, sempre piedoso de nossas aflições, o ânimo do invicto rei D. Jaime à conquista daquela ilha, passou Serapião com ele a tão santa expedição, à felicidade da qual foram sem dúvida grande parte as humildes súplicas e rogos fervorosos de Serapião para com Deus: o qual, apenas ganha Maiorca, desejoso de propagar e dilatar sua Religião na Inglaterra, Escócia e Irlanda, passou aos ditos reinos, padecendo muitos trabalhos e incomodidades em suas viagens; e em particular nesta em que, sendo preso o navio em que ia por um capitão pirata, foi o Santo grandemente atropelado, de maneira que, atado a um pau de fornidos nós, o açoitaram sem piedade alguma; e, considerando-o já defunto, foi seu corpo impiamente lançado desnudo num areal nas costas da Inglaterra; mas dispôs a Providência divina que, encontrado por uns pescadores, se compadecessem dele e cobrissem com uma capa suas ensanguentadas carnes e que, chegando a Londres, sua pátria, fosse prontamente curado e assistido de hábitos religiosos.

Ainda que Serapião, por sua rara e profunda humildade, procurava encobrir os preciosos quilates do ouro de sua muita virtude, tanto mais o Senhor dispunha que fosse a todos mais patente: pois apenas chegado Serapião (como dissemos) a Londres, noticioso de sua muita santidade o rei da Escócia Alexandre, enviou por ele para que procurasse que um grande rebelde seu e seus sequazes se reduzissem a sua obediência e real serviço; e foi o Santo tão mal recebido destes que, tendo-o rigorosamente açoitado, lhe disseram: «Dirás a teu rei que em tuas costas achará a resposta»: desacato que, sentido dele agramente Alexandre, juntou numeroso exército e os perseguiu até ficarem vencidos e tomar deles a devida satisfação e vingança; e quis Deus, para manifestar claramente a inocência de Serapião, que o terreno em que derramou seu sangue, tendo sido antes seco e infecundo, ficasse depois milagrosamente florido, verde e abundante. Escreveu-lhe São Pedro Nolasco que se restituísse à Espanha, a fim de tirar do poder do demônio muitas mulheres cuja vida e tratos eram somente a torpeza e sensualidade, como o conseguiu: pelo que, irritados fortemente com ele os que viviam com elas escandalosamente, injuriaram-no e, dizendo-lhe muitos baldões e dictérios, o esbofetearam; mas a paciência, constância e mansidão com que nesta ocasião sofreu o Santo tão afrontosos opróbrios foram tais que, depois de lhes haver

concedido amorosamente o perdão que por sua desatenção e delito lhe pediram, os reduziu também a penitência de suas culpas e a que servissem daí em diante ao Senhor.

Fez algumas redenções e entre estas uma em Múrcia, com seu companheiro Fr. Pedro de Castellón, remindo noventa e oito cativos, e em todas foi indizível o incêndio de sua ardente caridade, que mostrava com os pobres escravos que não podia remir: pois aos que julgava mais necessitados ministrava algum socorro com que pudessem aliviar de algum modo seus trabalhos; aos que não o eram tanto os animava à tolerância de suas penas e à conformidade nelas no Senhor, esperançando-lhes a liberdade em outra redenção, para que assim ficassem todos fortalecidos e constantes na fé católica que professavam; e, a fim de conseguir por todos os modos algum alívio aos cativos, impelido da compaixão e amor que lhes tinha, prostrava-se rendido aos pés dos donos dos mesmos escravos e, regando-os com suas lágrimas, procurava com palavras cheias de doçura e caridade persuadir-lhes que levantassem a mão de seu rigor contra os pobres e míseros escravos, que fossem tratados mais brandamente; e era tanta a eficácia e virtude que nestas exortações santas e rendimentos humildes infundia Deus em Serapião que reduziu aqueles corações obstinados dos mouros a que fossem mais compassivos e não tão duros e desumanos com os míseros cativos, logrando estes ficar assim em grande parte consolados.

Outra redenção fez Serapião em Argel com Fr. Berengário de Bañeres, na qual o glorioso São Raimundo Nonato, da mesma real Ordem, a quem comunicava e professava Serapião muito estreita amizade, lhe anunciou, ao tempo de partir, seu feliz e desejado martírio. Sendo nela os remidos oitenta e sete e não podendo-se remir, por falta de dinheiro, alguns cativos, postos em evidente perigo de renegar, nem podendo tolerar o inextinguível fogo de sua ardente caridade, que ardia em seu magnânimo peito, de que aquelas pobrezinhas almas, remidas com o infinito preço do sangue preciosíssimo do Salvador, fossem torpe pasto e vítima daqueles insolentes bárbaros, discorreu e praticou seu grande amor o arbítrio e meio de ficar em reféns por elas; e aqui foi onde, enardecido do zelo da honra e glória de Deus e do bem e salvação daqueles infiéis, opôs-se publicamente à falsa e abominável seita de Maomé: pelo que, por mandado do bárbaro e tirano rei de Argel, foi preso e posto numa fedorenta e escura masmorra, açoitado com crueldade inaudita e com a mesma atado de pés, espancado no ventre, entregue depois seu chagado corpo a uma dura e pesada cadeia, mantendo-o com só pão de cão e farelo; e, vendo o rei a invicta constância de Serapião, que nem o rigor de tantos e tão cruéis tormentos como havia padecido nem as ameaças dos que intentava executar seu furor com o Santo puderam não só rendê-lo mas nem menos atemorizar aquele animoso e valente coração do soldado veterano de Cristo; por último resolveu raivoso e irado que lhe fosse tirada a vida: a cujo fim mandou levá-lo à praça, onde, vendo Serapião o aspa (cruz em forma de X) em que havia de morrer, cheio seu coração de um inalterável gozo e inexplicável júbilo, rendeu graças a Deus em devido reconhecimento do singular benefício de permitir-lhe sacrificar, à imitação de seu santíssimo Filho, a vida na cruz, e exclamou: «Ó doce e precioso lenho, perfeita imagem daquele em que meu amado Jesus pendeu, por ti espero subir à bem-aventurança.» E, ditas estas palavras, passaram a atormentá-lo cruelíssimamente. Desgarraram pouco a pouco seu já desfigurado corpo com acerados garfos e pentes de ferro; introduziram-lhe agudas canas entre carne e unhas; cortaram-lhe todas as juntas e artelhos de pés, mãos, braços, pernas e joelhos, acrescentando por último o rigoroso tormento da roda ou torno, com o qual, à violência de giros, lhe tiraram as tripas, que milagrosamente saíram inteiras; e, depois, cortando-lhe a cabeça, deu o Santo seu espírito a seu Criador aos 14 de

novembro do ano de 1240; e antes do último alento disse: «Senhor meu, eu vos suplico que, por estes tormentos e dores que gostoso por vosso amor padeço, tenhais piedade daqueles que se acharem afligidos de alguma dor.»

Foram inumeráveis os prodígios que, por intercessão do santo Mártir, obrou Deus, já em sua vida, já depois de morto. Dois meninos ressuscitou vivendo: um no navio em que o Santo passava ao reino da Escócia, a quem seu mesmo pai, irritado por um descuido que cometeu seu filho, havia matado; outro na Irlanda, filho de um cavaleiro, o qual, ressuscitado, disse diante de todo o concurso: «Uma senhora vestida de branco, com coroa de ouro na cabeça e uma insígnia no peito, ao modo que a traz Serapião, me mandou voltasse ao mundo.»

À vista de cujos prodígios, e por muitos séculos continuada veneração dos fiéis ao Santo, das declarações e sentenças dadas e promulgadas pelos Ordinários de Girona e Barcelona sobre seu culto imemorial no ano de 1718, e das piedosas súplicas do católico monarca das Espanhas Filipe V (que de Deus goze), rogos repetidos de diferentes eminentíssimos cardeais, instâncias contínuas dos arcebispos e bispos da Espanha e petições humildes de toda a religião Mercedária, a santidade do papa Bento XIII, com sua bula dada em Roma aos 14 de abril de 1728, dignou-se aprovar e confirmar as ditas sentenças e declarou o referido culto imemorial do Santo.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Diogo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Omnipotens sempiterne Deus, qui dispositione mirabili infirma mundi eligis, ut fortia quæque confundas: concede propitius humilitati nostræ, ut piis beati Didaci, confessoris tui, precibus ad perennem in cælis gloriam sublimari mereamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Todo-poderoso e sempiterno Deus, que com admirável disposição elegeis o mais fraco do mundo para confundir o mais forte, concedei benigno a nossa humildade que pelos piedosos rogos de vosso confessor São Diogo mereçamos ser sublimados à glória eterna e celestial. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 4 da primeira do apóstolo São Paulo aos Coríntios (o impresso traz «capítulo V»).

1 Coríntios 4,9-14

>

> **Latim:** [9] Puto enim quod Deus nos Apostolos novissimos ostendit, tamquam morti destinatos : quia spectaculum facti sumus mundo, et angelis, et hominibus. [10] Nos stulti propter Christum, vos autem prudentes in Christo : nos infirmi, vos autem fortes : vos nobiles, nos autem ignobiles. [11] Usque in hanc horam et esurimus, et sitimus, et nudi sumus, et colaphis cædimur, et instabiles sumus, [12] et laboramus operantes manibus nostris : maledicimur, et benedicimus : persecutionem patimur, et sustinemus : [13] blasphemamur, et obsecramus : tamquam purgamenta hujus mundi facti sumus, omnium peripsema usque adhuc. [14] Non ut confundam vos, hæc scribo, sed ut filios meos carissimos moneo.

Português: [9] Porque entendo, que Deos nos tem posto pelos últimos dos aposto- los, como sentenciados á morte: por- que somos feitos espectaculo ao mundo, e aos anjos, e aos homens. [10] Nós nescios por Christo, e vós sabios em Christo: nós fracos, e vós fortes: vós nobres, e nós desprezi- veis. [11] Até esta hora padecemos até fome, e sede, e desnudez, e somos esbofeteados, e não temos morada segura, [12] e trabalhamos obrando por nos- sas proprias mãos: amaldiçõão-nos, e bemdizemos: perseguem-nos, e o soffremos: [13] somos blasfemados, e rogamos: temos chegado a ser como a im- mundicia d'este mundo, como a escoria de todos atégora. [14] Eu não vos escrevo isto, para vos envergonhar, mas amocesto-vos como a filhos meus, que muito amo.

Reflexões

Nós somos néscios por amor de Jesus Cristo. Nós somos fracos, vós fortes. Vós sois nobres, nós homens desconhecidos. Isto sentia de si São Paulo, e disto se honrava. Não houve Santo que não tivesse sentido muito baixamente de si mesmo: a humildade, que é o fundamento de todas as virtudes cristãs, os caracterizou, os distinguiu a todos. Uma das grandes obrigações que temos a Deus é que tenha feito dependente nossa salvação de nossa humildade, e não de nossa elevação. Nem todos podem subir e elevar-se; mas todos podem baixar e abater-se. Nem todos são capazes de fazer grandes coisas por Deus, de empreender árduos assuntos por sua glória; mas ninguém há que não se possa humilhar. Bem se pode dizer que nenhuma virtude cristã está mais à mão de todos que a humildade. Quem terá valor para dizer que não pode sentir baixamente de si mesmo, que não pode fazer mais conceito dos outros que de si? Nunca nos faltam razões para crer que é maior o mérito dos outros que o nosso. Há muitos que não podem estar dotados de um eminente dom de oração; mas quem há que não possa humilhar-se nela, reconhecendo seu nada, sua pouca virtude, sua miséria, e desta maneira fazer muito quando parece que faz nada? Nem sempre posso fazer todo o bem que quisera; mas sempre me posso humilhar diante de Deus à vista do pouco que sou capaz de fazer e suprir deste modo o mesmo que não faço. Nem sempre posso estar em oração, nem sempre posso jejuar nem exercitar-me em obras de caridade; mas sempre posso humilhar-me. Oh humildade, caminho breve e fácil, mas caminho seguro para chegar a pouca custa a uma eminente virtude! De que dependerá que não tomemos este caminho? Não é mister sair de nós para encontrar mil motivos de humilhar-nos: dentro de nosso terreno acharemos

quantos motivos, quantas razões se podem discorrer para abater nosso orgulho. Este mesmo orgulho nosso deve ser um dos grandes motivos de humilhação em quem não tenha o mau gosto de atordoar-se, de aturdir-se e de enganar-se a si mesmo. A humildade deve estender-se a todas as classes, a todos os estados, a todas as condições. Tão obrigados estão a ser humildes os grandes como os pequenos.

É, na verdade, um pouco mais difícil a prática a respeito daqueles, por quanto tudo conspira a lisonjeá-los e a enganá-los, mas nem por isso é menor nem menos indispensável sua obrigação. Os pequenos muitas vezes são humilhados sem ser humildes; e os grandes sempre quisessem ser humildes sem ser humilhados. Desenganemo-nos: não há virtude alguma sem aquela cristã humildade que não consiste em conhecer claramente cada um que verdadeiramente lhe falta o mérito e as prendas que afeta e que não tem: esta é uma humildade de puro entendimento que até nos réprobos se pode achar; mas em gostar, em alegrar-se de que os outros conheçam também as prendas de que carece e o mérito que lhe falta. Esta é aquela humildade de coração que nos ensina Jesus Cristo quando nos repete no Evangelho tantas vezes: *Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração: Discite a me, quia mitis sum et humilis corde.*

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas (o impresso remete a outra página do volume).

Lucas 12,35-40

> **Latim:** 35 Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, 36 et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. 37 Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. 38 Et si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. 39 Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. 40 Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: 35 Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; 36 e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que, quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. 37 Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. 38 E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. 39 Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. 40

Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

Não há condenado que não esteja convencido de que sua condenação é obra de suas mãos

Primeiro ponto

Considera quanto será a dor, a raiva e o desespero de um infeliz condenado quando por toda a eternidade esteja invencivelmente conhecendo que ele mesmo foi o artífice de sua condenação. Se se condenou, foi por sua culpa; se se condenou, foi porque lhe deu vontade de condenar-se; se se condenou, foi porque não quis nem lhe veio à vontade corresponder à Graça. Havia feito Jesus Cristo tudo à custa de sua salvação; não o havia excluído este divino Salvador do benefício da redenção; nasceu, viveu, padeceu e morreu por ele como pelos predestinados; mereceu-lhe e lhe comunicou todos os auxílios suficientes para ser Santo. Esta verdade é do maior consolo para todos os fiéis; mas é de uma desesperada dor para todos os condenados.

Se os tivesse deixado o Senhor na massa da perdição; se não tivesse morrido por eles; se lhes tivesse negado os auxílios absolutamente necessários para salvar-se, nem por isso seria menos funesta sua morte nem menos lastimosa sua desgraça. Mas então todo o seu furor, toda a sua raiva e toda a sua cólera seria contra Deus, que só os havia tirado do nada para perdê-los. Mas que sentirão! Como se enfurecerão! Que ódio tão mortal não terão de si mesmos, sabendo muito bem que aquele Deus era um bom pastor que amava todas as suas ovelhas; que aquele Juiz era um Salvador que havia morrido por eles; que aquele Criador era um bom pai que a nenhum filho negou jamais sua legítima; que somente os criou para pô-la logo em suas mãos; que, além disso, não houve sequer um a quem não lhe tivesse liberalmente concedido algum cabedal para que negociasse com ele e para merecer a salvação que nos adultos só se dá a título de prêmio e de salário! Condenou-se aquele porque não quis escutar a voz de seu bom pastor; porque voluntariamente se apartou do rebanho; porque não lhe deu vontade de voltar ao redil. Se esta ovelha foi despedaçada, será culpa do pastor ou da ovelha?

Que motivo havia para deixar a casa do melhor de todos os pais e para não querer viver sujeito ao doce jugo de suas leis? Não foi grande extravagância cansar-se de uma vida uniforme e regrada? Sacode-se o jugo de uma lei; não se pode sofrer a dependência; quer-se viver ao capricho de cada um. Não quer Deus violentar-nos, ou porque não lhe agrada o serviço forçado, ou porque respeita (digamo-lo assim) a liberdade que ele mesmo concedeu ao homem. Mas esse infeliz pródigo, distante já da casa de seu pai, encontra bem cedo em sua própria liberdade sua maior desdita, sua ruína e sua perdição. Não há um só condenado que não seja artífice de sua desgraça. Meu Deus, que dor eterna! Que eterno desespero! Ter trabalhado em sua própria perda! Dever a si mesmo sua condenação!

Segundo ponto

Considera que não há Santo no céu que não conheça, que não esteja convencido de que deve sua salvação ao sangue, aos méritos e à graça de Jesus Cristo. Pois quais serão seus amorosos, seus agradecidos afetos a este divino Salvador! Mas tampouco há condenado no inferno que não conheça e não esteja convencido de que este divino Salvador jamais lhe negou sua graça e de que ele, por pura malícia sua, não quis seguir aquela inspiração, obedecer àquele mandamento, privar-se daquele falso gosto que lhe havia de causar a morte, caminhar pelo caminho estreito que conduz os homens à vida. Que furiosos movimentos de ódio, de raiva e desespero contra si mesmo não lhe excitará este claro conhecimento!

Aquele rico que se condenou estará conhecendo por toda a eternidade que em sua mão esteve resgatar com esmolas seus pecados; que teve grandes impulsos; que não lhe faltaram graças nem auxílios e que só lhe faltou a vontade.

Aquela donzela, aquela mulher que se condenou jamais poderá esquecer no inferno tudo o que fez Deus para salvá-la. As boas lições que lhe deram na infância, sua cristã educação, as fortes inspirações que teve, os lances, as desgraças que lhe sucederam, as enfermidades que padeceu, as pesadumes que a sufocaram, tudo o dispunha a divina Providência para que não se perdesse; mas condenou-se porque se quis condenar, e ela mesma estará bem persuadida disso.

Aquela pessoa consagrada ao Senhor e ligada a seu serviço com os mais sagrados vínculos verá eternamente nos infernos (se teve a desgraça de ser precipitada neles) que lhe teria custado muito menos levar uma vida regrada, inocente, regular, no estado eclesiástico ou religioso, que a desbaratada e secular que sempre levou: verá que sua condenação é obra sua; verá que ela mesma se opôs e se endureceu obstinadamente contra os remorsos de sua consciência, contra as luzes da razão e contra todos os impulsos da Graça para perder-se. Oh Deus, que dor, que desespero será o de um eclesiástico, o de um sacerdote, o de um religioso que se condenou!

Representa-te a um homem que num rapto de loucura ou num excesso de embriaguez pôs fogo a sua casa. Que sentirá este infeliz quando, recobrado o juízo e voltando a si, ou do frenesi ou da bebedeira, reconheça que abrasou sua casa por suas mesmas mãos e no incêndio consumiu seus móveis, seus bens, seus armazéns e tudo quanto tinha no mundo; quando pense que se vê reduzido a mendigar porque quis perder tudo; que lhe sobravam comodidades e que, podendo ser rico neste mundo, por um excesso de loucura lhe deu na cabeça fazer-se miserável, pedinte e desgraçado? Considera bem qual será a dor daquele insensato quando reflita em sua brutalidade. Pois compreende, se podes, que desespero será o de um condenado quando reflita (e o estará eternamente refletindo) que por seu mero capricho se condenou!

Meu Deus, pois me dais tempo para ter previsto aquele desespero, dai-me graça para precavê-lo. Não, meu Deus, não quero perder-me, e estou resolvido a sacrificar tudo, a sofrer tudo e a praticar tudo por salvar-me. Fazei, Senhor, que assim o consiga mediante vossa divina graça e pelos méritos de meu Senhor Jesus Cristo.

Jaculatórias

Conheço, Senhor, meus pecados, arrependo-me deles e perpetuamente os terei na memória para detestá-los. (Sl 50.)

Justo sois, Senhor, ainda quando com mais rigor nos castigais; nem a nós nos resta mais que a confusão e a dor de nos termos perdido só porque nos quisemos perder. (Dn 9.)

Propósitos

1. Ser alguém desgraçado porque lhe sucedeu uma fatalidade que não pôde prevenir é coisa bem triste; mas afinal não pode atribuí-lo a si mesmo, e toda a sua indignação se converte contra a causa de sua desgraça. Mas ser alguém miseravelmente infeliz, eternamente infeliz só porque lhe deu vontade de sê-lo; ser miseravelmente infeliz por uma malícia sua, quando pôde ser eterna e soberanamente ditoso: compreende (se é possível) até onde chega o rigor deste suplício. Se ao menos se lograsse no inferno o consolo de poder apartar de si este pensamento; se ali pudesse alguém persuadir-se de que Jesus Cristo não havia morrido por nós e de que não havia podido obrar de outra maneira; mas no inferno ninguém é herege: conhece-se, vê-se, apalpa-se que a reprovação foi obra de nossas mãos; todos estão convencidos desta verdade. Sabe-se que se podia não resistir à graça; confessa-se que a ninguém faltou a graça suficiente para salvar-se, mas que não se quis usar dela. O atrativo do deleite enganou a vontade, e foi a paixão superior, porque o coração se pôs de acordo com a paixão. Ah, e que de outra maneira se viveria se se meditasse muitas vezes esta verdade! Pensa nela continuamente e, quando é mais violenta a tentação, quando a paixão está mais acesa, pergunta-te a ti mesmo: quero eu condenar-me? Bem posso dar-me este gosto; mas o fruto deste gosto passageiro será o inferno, será o ser infeliz por toda a eternidade. Se determino livremente pecar, livremente admito ser condenado. Não há discurso mais convincente nem consequência mais legítima.

2. Todo pecado mortal hás de considerá-lo como certa espécie de direito particular que adquires para tua reprovação, como um gênero de título que te assegura uma desventurada eternidade. Quantas piedosas indústrias discorreram os Santos para ter sempre diante dos olhos esta importante verdade! Uns, ao verem-se acometidos das mais fortes tentações, escreviam estas palavras: *Se cometo este pecado, consinto em ser condenado.* Outros, arrimando a mão ou os dedos à chama, perguntavam-se a si mesmos se poderiam viver eternamente entre os ardores sempiternos; e outros, enfim, faziam-se familiar este pensamento e esta verdade tão importante: *Minha salvação será obra de meu Senhor Jesus Cristo; mas minha condenação será obra minha, se tenho a desdita de condenar-me.*

[^1]: Esta festa celebra a Igreja da Espanha no dia 13.

[^2]: *Et angariaverunt prætereuntem quemdam, Simonem Cyrenæum venientem de villa, patrem Alexandri et Rufi, ut tolleret crucem.* (Mc 15,21.)

[^3]: Como se dissesse: a quem respeito e amo como a minha mesma mãe, ou como se fosse minha mãe. (Scio.)

[^4]: *Quando in Hispaniam proficisci cœpero, spero quod præteriens videam vos et a vobis deducar illuc.* Quando me encaminhar para a Espanha, espero que de passagem vos verei e que me acompanhareis até lá. (Rm 15,24.) Deste lugar e da carta de São Clemente aos de Corinto prova-se que São Paulo veio efetivamente à Espanha a pregar a fé de Jesus Cristo, segundo assim o afirma também um grande número de padres. (Mamachi, *Ant. Chr.*, tomo II, liv. II, pág. 287.)

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:43 by Admin
Updated 20 November 2026 20:54:43 by Admin